

INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ENFOQUE PSICOPEDAGÓGICO

Maria de Nazaré Leitão Pimentel¹

RESUMO: Neste artigo aborda-se a indisciplina na Educação Infantil pelos docentes como uma das principais dificuldades ao trabalho pedagógico, e como a Psicopedagogia pode contribuir para minimizar as dificuldades de aprendizagem oriundas dessa situação. Tem como objetivo analisar a indisciplina infantil num enfoque psicopedagógico. O artigo foi norteado pela contribuição teórica de vários autores como: Piaget (1994), Vygotsky (1989), Tiba (2007), Wallon (1981) entre outros especialistas citados posteriormente. O procedimento metodológico realizou-se por meio de uma revisão bibliográfica à luz dos referenciais citados. Definir limites com os alunos, deixar claro o que é possível ser feito e em que situação eles podem ser cobrados só auxilia em seu crescimento pessoal e em suas atividades estudantis.

Palavras-chave: Limites. Prática docente. Psicopedagogia.

INTRODUÇÃO

Este artigo científico, cujo tema é “Indisciplina na Educação Infantil: um enfoque psicopedagógico” apresenta uma reflexão sobre a indisciplina na sala de aula através de um estudo do desenvolvimento infantil, com o intuito de se obter resultados satisfatórios na relação ensino-aprendizagem.

Tem como premissa, uma contextualização das relações sociais que precisam ser norteadas por regras a serem cumpridas para que se torne possível o diálogo, o respeito, a cooperação, enfim, as trocas sociais, principalmente numa sociedade capitalista e desigual na qual vivemos. Nesse sentido, as instituições sociais, mas especificamente, a escola, precisa ser constituída por regras e normas de funcionamento e de convivência entre o corpo docente, discente e família. Nesse sentido, as regras são vistas como necessárias para o convívio social e não apenas para castrar os alunos. A internalização de regras e sua obediência podem levar o indivíduo a atitudes autônomas.

Na medida em que a criança cresce na interação com os outros, vai percebendo que o mundo tem regras, no entanto, por diversos fatores essa percepção pode não ser incorporada tão facilmente dificultando assim a convivência escolar.

¹Especialização em Psicopedagogia clínica e institucional pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Para a realização desse trabalho psicopedagógico, destacou-se um aspecto da teoria de Piaget: à construção do juízo de moral na criança, compreendendo as fases pré-moral, moral heterônoma e moralidade autônoma; também aborda segundo Wallon o fato de ser a infância uma fase marcada por contradições e conflitos, resultantes da maturação e das condições ambientais que provocam alterações qualitativas no comportamento das crianças, e ainda Vygotsky no que diz respeito à intrínseca relação entre a brincadeira e o desenvolvimento infantil para avanços na ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) especialmente na idade pré-escolar. Daí a necessidade de uma intervenção nas séries iniciais vislumbrando minimizar dificuldades de aprendizagem futuras por causa da indisciplina em sala de aula.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a indisciplina na educação infantil num enfoque psicopedagógico. A fundamentação teórica estará baseada nos trabalhos dos seguintes teóricos, como: Piaget(1994), Vygotsky (1989), Tiba (2007), Wallon (1994), dentre outros estudiosos. O procedimento metodológico ocorreu através de uma revisão bibliográfica na visão dos autores acima citados.

O trabalho encontra-se dividido em duas partes, na primeira aborda as considerações gerais sobre indisciplina e na segunda aborda formas de intervenções psicopedagógicas diante da indisciplina.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE INDISCIPLINA

Nos tempos modernos, a indisciplina vem gerando nas salas de aula dificuldades de convivência, de aprendizagem, gerando uma preocupação nos docentes em relação aos valores que devem ser construídos nesse período. Para melhor compreender a falta de limite em sala de aula, primeiro deve-se analisar o significado da palavra “disciplina”.

Segundo Ferreira (1999, p. 239), a palavra disciplina tem vários significados: “1. Regime de ordem imposta ou mesmo consentida. 2. ordem que convém ao bom funcionamento de uma instituição. 3. Relações de subordinação do aluno ao mestre. 4. Submissão a um regulamento. 5. Qualquer ramo do conhecimento. 6. Matéria de ensino”. A disciplina é vista como a obediência a regras, e na escola é vista como um pré requisito para um bom desempenho escolar.

O termo “indisciplina” é entendido por Ferreira (1999, p. 384) como “[...] procedimento, ato ou dito contrário à disciplina”. Manifestada por um indivíduo ou um grupo, a indisciplina é vista como sinal de desobediência, desacato, não cumprimento de

regras estabelecidas, um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, bagunça ou agitação motora. Na escola, é vista como uma incapacidade do aluno de se adequar a um comportamento esperado.

Contudo, as regras se tornam essenciais para a disciplina na sala de aula, ou seja, para o controle de cada aluno e conseqüentemente da classe como um todo, ficando entendido que a desatenção, a desobediência e a inquietação são características da indisciplina, pois se busca “[...] obter a tranqüilidade, o silêncio, a docilidade, a passividade das crianças de tal forma que não haja nada nelas nem fora delas que as possam distrair dos exercícios passados pelo professor, nem à sombra a sua palavra.” (WALLON, 1975, p. 379).

O problema da indisciplina é uma das principais dificuldades enfrentadas pelos professores na sua atuação em sala de aula, pois desde a primeira infância se percebe a falta de regras e de limites por parte das crianças. A criança que aprende desde pequena que o mundo é feito de regras, poderá de comportar de acordo com elas, mesmo sem a presença dos pais.

Crianças excessivamente inquietas, agitadas, com tendência à agressividade, que se destacam do grupo pela dificuldade de aceitar e cumprir as normas, às vezes não conseguindo produzir o esperado para sua idade, representam um desafio constante para suas famílias e escola. Vale ressaltar, que certa dose de teimosia é normal em toda criança e faz parte do desenvolvimento evolutivo infantil.

Dar limites às crianças na Educação Infantil é iniciar o processo de compreensão e apreensão do outro, ninguém pode respeitar seus semelhantes se não aprender quais são os seus limites, e isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer tudo o que deseja na vida. Começando então, combatendo a indisciplina. O professor nas aulas da Educação Infantil constrói conhecimentos, firma habilidades, estrutura significações, desperta potencialidades, assim também estabelecendo limites.

A disciplina deve ser vista como um objetivo a ser trabalhado pela escola, pois é constituída por normas que foram elaboradas pelo corpo docente ou em conjunto com o corpo discente com o intuito de melhorar a convivência e o rendimento escolar.

Antigamente, a indisciplina era gerada pela permissividade, pela falta de coerção diante de uma situação, e era de fácil resolução devido a métodos adotados para amenizá-la, alguns de forma arbitrária e autoritária como a palmatória, dentre outros castigos. Atualmente, ao considerar que a indisciplina em sala de aula é fruto apenas do meio em que os alunos estão inseridos, está considerando uma clientela passiva a seu meio social, e a

escola, espaço educacional onde são atendidos, é vista como vítima desta clientela ‘inadequada’.

Os pais, mas precisamente, o responsável pela criança, ao considerar modelos de família não nucleares, têm um papel fundamental de impor regras no ambiente familiar, sem confundir autoridade com autoritarismo. Autoridade é tudo o que faz com que as pessoas obedeçam, sem imposição e a partir do diálogo. Já, o autoritarismo é uma autoridade sem limites, com exagero, que torna o outro passivo ou submisso às regras. Muitas vezes confusos com esses conceitos os pais optam por não colocarem limites nos filhos.

Sendo assim, são corretos os ensinamentos do Tiba (1996), quando aponta que:

[...] Cabe aos pais delegar os filhos tarefas que ele já é capaz de cumprir. Essa é a medida certa do seu limite. É por isso que os pais nunca devem fazer tudo pelo filho, mas ajudá-lo somente até o exato ponto em que ele precisa, para que, depois, realize sozinho, suas tarefas. É assim que o filho adquire autoconfiança, pois está construindo sua auto-estima. O que ele aprendeu é uma conquista dele (TIBA, 1996, p. 46).

Definir limites com os educando, deixar claro o que é possível se feito e em que situações eles poderão ser cobrados, só auxilia em seu crescimento pessoal e nas suas atividades educacionais. Também sustentar esse limite em princípios e valores que lhe dêem respaldo para viver com dignidade é muito importante, pois assim é estabelecida uma relação entre educador e educando e entre escola e família.

O professor precisa ter qualidades humanas imprescindíveis para atuar de uma forma qualitativa no ambiente escolar, como exemplos: equilíbrio emocional, responsabilidade, ética, caráter, alegria de viver, e gostar de ser professor, além de ter conhecimentos teóricos sobre o desenvolvimento infantil, sobre didática e de relações intrapessoais e interpessoais. Como mediador do conhecimento, o educador tem um grande desafio de oferecer meios para os educandos construírem seus conhecimentos e ao mesmo tempo considerar a fase do desenvolvimento cognitivo, emocional e motor na qual estão inseridos.

No processo educativo, o professor deve ajudar as crianças no estabelecimento de regras para a sala de aula, discutindo o que é o estabelecimento de regras, oferecendo idéias de como criá-las, fixá-las por escrito na sala de aula e envolvê-las no comprimento delas.

A esse respeito, Rossini (2001, p. 44), define:

A complexidade da vida moderna acaba delegando aos professores papéis antes só de responsabilidades dos pais. A família de hoje conta muito com a escola, ou seja, com os professores para a formação das crianças e dos jovens. Ela precisa

estar informada sobre a linha de conduta que a escola tem com seus filhos e, o que é de fundamental, concordar com esta linha: é preciso falar a mesma língua. Nos dias de hoje o professor deve ser um “líder”, deve saber também que a liderança não se impõe, se conquista. Na sala de aula, ele representa a direção, a própria família. Ali ele é o ‘dono da lei’

Ao considerar as teorias psicogenéticas de Piaget, Vygotsky e Wallon, serão entendidas as fases do desenvolvimento na infância e sua influência nas condutas dos indivíduos, pois nos fornecem compreensão a cerca do desenvolvimento cognitivo, sócio e afetivo do indivíduo e da inter-relação dessas dimensões na interação do indivíduo com o meio. A criança com o seu desenvolvimento na fase pré-operatória de Piaget tende a imitar o comportamento de outras pessoas, muitas vezes comportamentos negativos são aprendidos vendo o comportamento de coleguinhas na escola e posteriormente são exteriorizados em casa, os pais segundo Tiba (2007, p.96):

[...] precisam estar atentos e impor limites, explicando as razões dessas limitações. Caso persistam nesse comportamento, é importante que se leve ao conhecimento dos responsáveis pela classe, escolinha, clubes etc. O silêncio ou a não tomada de atitude dos pais- significar autorizar as crianças a adotarem tais inadequações.

A educação dada pela família da criança, autoritária, permissiva, omissa e com modelos familiares diferenciados do nuclear muitas vezes é considerada como geradora da indisciplina.

2079

Os pais devem acompanhar a educação escolar de seus filhos, saber como estão se comportando, se desenvolvendo, as dificuldades intrapessoais e interpessoais que apresentam, para assim combinarem com a escola as ações educativas para serem trabalhadas com as crianças. A família e a escola são os agentes mais importantes na educação da criança. De acordo com Tiba (2007, p.189):

Para que os pais possam conhecer realmente seus filhos, é importante estar bem informados de seu comportamento na escola. Embora não seja de sua competência, muitas vezes a escola pode orientar os pais a superar dificuldades domésticas com um determinado filho, antes que seja necessário tratamento psicológico. Muitas delas, por lidar com um grande número de crianças, têm mais experiências com certas faixas etárias do que os próprios pais. A voz da experiência da escola, bem ouvida, pode ser bastante útil num momento em que a família está totalmente perdida sobre a maneira como deve proceder com o filho.

Nesta fase, a linguagem é a aquisição fundamental, geradora de mudanças significativas nos campos do pensamento e da afetividade da criança. Ela já é capaz de narrar fatos que já aconteceram e antecipar ações futuras, numa linguagem egocêntrica, ou seja, a partir do seu ponto de vista. Esse tipo de pensamento influencia no desenvolvimento moral da criança, que se encontra na fase da moral heterogênea, na qual

só obedece as normas por medo da punição ou esperando recompensa, ou seja, não julga os atos pela sua intenção mas pelas conseqüências que ele produz.

A construção do juízo moral na criança, segundo Piaget (1994), inicia-se por uma fase pré-moral, caracterizada pela anomia, que coincide com o egocentrismo infantil, indo até os quatro ou cinco anos. Na anomia não existe regras nem normas, as necessidades básicas do bebê determinam as regras de conduta. Como as fases do juízo moral se sucedem sem constituir estágios, podemos encontrar adultos que não respeitam leis e normas e que se encontram na anomia. Na interação com os outros, principalmente através da brincadeira, a criança vai percebendo que o mundo tem suas regras, iniciando assim a fase heterogênea, onde os deveres são impostos de uma forma coerciva e não obrigações elaboradas pela consciência. Na fase autônoma, o indivíduo obedece às regras morais construídas por ele mesmo, os deveres são cumpridos tendo consciência de sua necessidade e significação.

Associando a indisciplina com características próprias da infância, como exemplo o egocentrismo, no qual a criança tem dificuldade de compreender a necessidade do outro e do grupo, tem que considerar a influência das vivências sociais da criança no seu desenvolvimento. Para Vygotsky (1989), o sujeito não é apenas ativo, mas interativo, porque constitui conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais.

2080

A cultura e a linguagem, adquirida pelas interações com os outros, fornecem ao pensamento os instrumentos de sua evolução. Essas interações sociais são responsáveis pela aquisição das funções psicológicas superiores (pensamento, linguagem, memória mediada, atenção seletiva, volição, afeto, criatividade). O desenvolvimento dependerá das condições oferecidas pelo meio e da forma como o indivíduo se apropria delas. Sendo assim, as interações entre adultos e crianças e das crianças entre seus iguais de forma inadequada, pode levar a dificuldades no processo de aprendizagem e de desenvolvimento.

Ao criar a ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), Vygotsky (1989) afirma que a aprendizagem antecede o desenvolvimento e que cria condições para este acontecer. A ZDP é definida como a diferença entre a o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, ou seja, entre o que a criança já realiza sozinha, em conseqüência de certas funções mentais que já desenvolveram, e do que a criança não consegue realizar sozinha, ainda precisando desenvolver certas capacidades, assim precisará da ajuda de outras pessoas para realizar.

Para Vygotsky (1989), desenvolvimento e aprendizagem estão interligados desde o primeiro ano de vida da criança tendo em vista que a instrução das habilidades infantis envolve a mediação proveniente dos adultos antes, durante e depois da prática escolar.

O professor só desempenhará com sucesso o seu papel na ação pedagógica, se a partir daquilo que conhece sobre a criança (nível de desenvolvimento real), dirigir o ensino para níveis intelectuais ainda não totalmente incorporados por ela (nível de desenvolvimento potencial). Sendo assim, Oliveira (1997, p. 62) afirma que: “[...] o professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal das crianças, provocando avanços que não ocorriam espontaneamente.”

A brincadeira, para Vygotsky (1989), também auxilia nos avanços na ZDP. Na educação infantil, cria uma ZDP ao possibilitar à criança comportar-se além do habitual de sua idade. Ao brincar, a criança lida com situações de amadurecimento, como exemplo, ao elaborar regras, que a conduzirão, em um momento posterior, a um novo patamar de desenvolvimento. Possibilitar oportunidades diversas para as crianças brincarem livremente é também favorecer o seu desenvolvimento.

Wallon (1994) ressalta que um fator que pode levar a proporcionar situações conflituosas do ponto de vista da emoção é a limitação do espaço de expressão, movimento, liberdade, interação da criança. As emoções dependem fundamentalmente da organização dos espaços para se manifestarem. Quanto ao tamanho do espaço, Wallon diz que as salas de aulas deveriam ser repensadas, deveriam ser diferente do modelo tradicional utilizado em muitas instituições nos dias de hoje, uma vez que a criança precisa de espaço para se movimentar com liberdade.

A escola insiste em imobilizar a criança na cadeira, limitando justamente a fluidez das emoções e do pensamento, tão necessária para o desenvolvimento completo da pessoa. Wallon entende que o educando vive diferentes emoções, e que elas precisam ser valorizadas e levadas em consideração em todo o processo de aprendizagem. Para esse teórico, as emoções têm papel importante no desenvolvimento do indivíduo, mas costumam ser ignorados nos modelos tradicionais de ensino.

O movimento é extremamente necessário para o desenvolvimento completo da criança. De acordo com Galvão (2003, p.69), “[...] além do papel na relação com o mundo físico, o movimento tem um papel fundamental na afetividade e também na cognição”.

Diante da manifestação da cólera, o professor por vezes, não sabe reagir com as situações emotivas dentro de sala, pois as mesmas podem ser imprevisíveis. A atenção

dentro de sala de aula é algo necessário e na grande maioria, o professor compreende o movimento como sinônimo de desatenção, indisciplina, podendo atrapalhar a sala os alunos e inclusive o professor. Almeida (1999) afirma que:

As reações posturais das crianças são normalmente interpretadas como desatenção. Assim, há uma grande insistência pela contenção do movimento, como se sua simples eliminação pudesse assegurar a aprendizagem da criança. Não se defende, aqui, que se deva cair na ideia de “permissividade”, porque há situações em que se movimentar é de fato incompatível com a atividade acadêmica. (ALMEIDA, 1999, p. 90).

Almeida (1999) completa ressaltando que o professor tem dificuldade de reconhecer os estados emocionais das crianças.

A falta de clareza a respeito da ligação existente entre movimento e emoção interfere, muitas vezes, na relação professor-aluno. O professor pode cometer o engano de interpretar expressões de alegria como indisciplina. Esse erro de leitura normalmente o leva a reagir com irritação diante da simples presença de uma criança hipertônica, já que não se encontra preparado para lidar com suas necessidades. Em geral, os professores, demonstram ter dificuldade em lidar com as situações emotivas da sala de aula, o que é compreensível pela própria natureza da emoção. (ALMEIDA, 1999, p. 91).

O professor é responsável em administrar os conflitos da criança, pois segundo Almeida (1999) ele potencialmente é necessário na trajetória de delimitação do eu. A referida autora considera que o ambiente familiar se estende para a escola, pois os alunos têm costumes de chamar o professor de tia, sendo que o aluno vê o papel do professor como caricatura da mãe, como que essa relação professor-aluno fosse como mãe-filho, tia-sobrinho. A evolução da afetividade implica no desenvolvimento da inteligência do aluno, sendo também que estes dois fatores se evoluem mediante as evoluções afetivas e intelectuais, assim quanto maior o afeto entre professor e aluno, mais a qualidade de conhecimento do educando.

O educador deve observar e levar em consideração os estados emocionais no contexto de sala de aula, pois ausência ou excesso de movimento pode gerar o surgimento de um estado emocional, seja ruim ou bom. Com relação aos movimentos da criança, Almeida (1999, p.91), ressalta “[...] é preciso que o professor esteja muito atento aos movimentos das crianças, pois estes podem ser indicadores de estados emocionais que devem ser levados em consideração o contexto de sala de aula”.

O professor deve ser equilibrado emocionalmente dentro de sala, pois a inteligência em muitas vezes cede para as emoções, sendo assim deve manter-se um equilíbrio entre a razão e a emoção, para que o emocional não afete no momento de exercer a atividade cognitiva. Os professores por vezes mostram-se como um alvo fácil e frágil. A ausência de

aproximação do professor com a emoção deixa-o invisível e cego diante das expressões na sala de aula. A escola pode-se dizer que exerce um importante papel no desenvolvimento sócio afetivo da criança. Almeida (1999) afirma:

Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à crianças estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos. Ao contrário da família, na qual a sua posição é fixa, na escola ela dispõe de uma maior mobilidade, sendo possível a diversidade de papéis e posições. Dessa forma, o professor e os colegas são interlocutores permanentes tanto no desenvolvimento intelectual como do caráter da criança, o que poderá ser preenchido individual e socialmente. (ALMEIDA, 1999, p. 99).

A sala de aula é um lugar onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência. Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoções, cabe ao professor administrá-las, coordená-la. É imprescindível que o professor interaja com os alunos, buscando descobrir seus motivos e compreendê-los.

É necessário dar espaço para que a criança expresse seus próprios sentimentos, sem por isso ser julgada, ajudando a expressá-los de maneira social aceitável. Não é errado nem feio sentir raiva. O que pode ser reprovado é a expressão inadequada da raiva, como bater em alguém, ou seja, uma ação indisciplinada.

FORMAS DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DIANTE DA INDISCIPLINA

No complexo processo que envolve a aprendizagem, revela-se significativa a atuação preventiva do psicopedagogo no contexto escolar, onde muitas informações e vários aspectos têm que ser observados e analisados. Ter conhecimento de como o aluno constrói o seu saber, compreender as dimensões das relações com a escola, com os professores, com o conteúdo e relacioná-los aos aspectos afetivos e cognitivos, permite um fazer mais fidedigno ao psicopedagogo. Deve-se considerar que o desenvolvimento do educando se dá de forma harmoniosa e equilibrada nas diferentes condições orgânica, emocional, cognitiva e social.

A Psicopedagogia é uma área de atuação que trata do processo de aprendizagem humana e das dificuldades que possam ocorrer nesse processo. Segundo Bossa (2011), seu objeto de trabalho é a prevenção, o diagnóstico e a intervenção nos problemas que surjam na construção da aprendizagem do sujeito. Busca sempre compreender, e estudar o indivíduo inserido em um meio social, pois a intervenção psicopedagógica visa

proporcionar o desenvolvimento da consciência da co-participação entre escola, família e comunidade na construção da cidadania e na eficiência da aprendizagem.

A intervenção psicopedagógica deve-se pautar na análise do indivíduo, do meio em que ele está inserido. Deve-se observar também toda a dinâmica escolar: a organização, o currículo, o modo de ensinar do professor e as dificuldades dos alunos em relação a aprendizagem. Na escola, analisa as dificuldades dos alunos considerando o meio escolar, familiar e comunitário que eles interagem.

O psicopedagogo intervém nas relações de aprendizagem, nas situações de indisciplina escolar que interferem na aprendizagem do educando, a partir de orientações e ações psicopedagógicas para melhorar o rendimento escolar tanto para os discentes quanto os docentes. O trabalho psicopedagógico inicia-se com o diagnóstico e tratamento, para desenvolver um bom tratamento o psicopedagogo deve realizar testes, com o objetivo de identificar a melhor forma de se aprender algo e o que está causando o bloqueio, a dificuldade de aprendizagem. Para desenvolver esta aprendizagem, o psicopedagogo utilizará recursos como: jogos, desenhos, brinquedos, brincadeiras, dentre outros.

O adulto deve criar junto com as crianças as normas e as sanções ao não cumprimento dessas normas. Assim, ele vai responsabilizar as crianças pelas conseqüências dos seus atos caso não as cumpra. O adulto auxilia a criança a tomar consciência das conseqüências de suas atitudes quando ela possa cumprir a norma ou deixar de participar da tarefa até que esteja se sentida apta a isso. Não é apenas minimizar um comportamento indesejável (indução pelo medo, ou pela imposição), mas de aderir ao comportamento desejado.

As escolas precisam estar preparadas para acolher todos os alunos. Ter uma boa estrutura física, uma boa coordenação pedagógica, um bom planejamento das aulas e das atividades extra-escolares, que levem em conta as peculiaridades e as especificidades dos educandos, pois quando a instituição pensa, em primeiro lugar, na clientela que irá atender com certeza a indisciplina será menor, as crianças sentirão gosto de ir à escola, já que a mesma estará atendendo suas necessidades e tendo significado para elas.

O ambiente escolar deve criar condições para que a criança consiga aos poucos superar seu egocentrismo, a fase da anomia, desenvolvendo a moral heterônoma e posteriormente, a autonomia. As atividades de cooperação, num ambiente de respeito mútuo, tendo como base a afetividade, auxiliam a criança no longo processo de

descentração. Um ambiente de medo, autoritarismo, respeito unilateral tende a perder a heteronomia.

Criar os ambientes de vivência e aprendizagem, na Educação Infantil, envolve organizar atividades que estimulem as crianças a construir e partilhar novas formas de ação e novos significados, com um número maior de parceiros, sob o olhar do professor apoiando suas iniciativas, respeitando e ampliando seus interesses.

De acordo com a Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC, 2011), Na Educação Infantil, a qualidade pedagógica de um ambiente é resultado de múltiplos fatores que devem ser considerados pelo professor, em especial:

- a) As possibilidades criadas para as crianças manipularem, produzirem, exporem seus trabalhos, organizarem situações, imaginarem, tudo isso por meio de atividades interessantes, organizadas e apoiadas em materiais e em instruções claras;
- b) A organização dada ao espaço físico- seu formato, sua organização funcional e suas qualidades sensoriais (presença de cores, formas, espelhos, transparências, tecidos e outros materiais), além da presença de elementos da natureza e de múltiplas culturas;
- c) O modo como as crianças utilizam esse ambiente, como campo de exploração e de criatividade, e como cada criança o considera como ambiente de alegria ou de medo, de inibição ou descoberta, de amizades ou rivalidades.

O psicopedagogo ao atuar com o professor, mas especificamente ao observar o seu modo de ensinar, pode orientá-lo na sua prática pedagógica através de palestras, rodas de conversas, mediando trocas de experiências com os outros professores, com o intuito de facilitar a aquisição de conhecimentos, de novas práticas por parte dos professores, objetivando reduzir as dificuldades de aprendizagem, e conseqüentemente melhorando o rendimento dos alunos.

Citar-se-á a seguir, vinte passos para combater a indisciplina com alunos, que podem ser mediados pelos professores a partir de uma orientação psicopedagógica, tendo como fonte a Revista Profissão Mestre (2008, p. 38):

- 1 - Estabeleça regras claras
- 2 - Faça com que seus alunos as compreendam
- 3 - Determine uma sanção para a quebra das mesmas
- 4 - Determine uma recompensa para seu cumprimento
- 5 - Peça apoio de seus colegas de equipe
- 6 - Estabeleça estratégias em conjunto com a equipe; os alunos precisam perceber a hegemonia das atitudes
- 7 - Respeite seus alunos
- 8 - Ouça-os
- 9 - Responda ao que lhe for perguntado com educação e paciência
- 10 - Elogie boas condutas
- 11 - Seja claro e objetivo em suas intervenções
- 12 - Deixe claro que o que é errado é o comportamento, não o aluno

- 13 - Seja coerente em suas expectativas
- 14 - Reconheça os sentimentos de seus alunos e respeite-os
- 15 - Não lhes diga o que fazer; permita que cheguem às suas próprias conclusões
- 16 - Não descarregue a sua metralhadora de mágoas em cima deles
- 17 - Encoraje sempre
- 18 - Acredite no potencial de cada um e no seu
- 19 - Trabalhe crenças negativas transformando-as em positivas
- 20 - Seja afetuoso(a)

A educação é feita diariamente, em todos os momentos, e o responsável por ela é o adulto que está cuidando da criança no momento em que uma intervenção se faz necessária. O professor ao interferir num comportamento de uma criança em sala de aula, ele está fazendo o seu papel de educador. Criar estratégias para combater a indisciplina a partir de um apoio psicopedagógico, se dá a partir de um maior conhecimento sobre o manejo em sala de aula e de como melhor se relacionar com o aluno.

Como recurso para o diagnóstico e tratamento psicopedagógico, a brincadeira para Vasconcelos (1999), é a atividade principal na criança pequena. Atividade principal não quer dizer a mais freqüente e sim aquela em conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho da transição para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento.

2086

A criança tem algumas razões para brincar: brincando a criança exercita suas capacidades motoras (coordenação de movimentos, equilíbrio e ritmo), intelectuais (atenção, memória, raciocínio, percepção, pensamento abstrato, linguagem) e de relacionamento com os outros (aceitar, opor-se, expressar vontades, negociar, pedir, recusar etc.); aprende a gostar de estar ocupada; brincando a criança descobre formas de expressão e de elaboração das suas emoções e sentimentos (alegria, medo, tristeza, amizade, solidariedade etc.). Enfim, porque através das brincadeiras a criança pode entender melhor como muitas coisas funcionam, ao mesmo tempo que pode entender melhor a si mesma, ao experimentar diferentes maneiras de brincar. (VASCONCELOS, 1999, p.7).

As atividades relacionadas ao movimento deverão estar inseridas na rotina diária e realizadas de maneira planejada. Os objetivos, brinquedos e materiais devem auxiliar as atividades expressivas e instrumentais do movimento.

O professor deve observar qualquer que seja a atividade, explorá-la, ajudando a criança a obter consciência de si mesma, conhecer sua realidade corporal, estabelecer relações com espaço, tempo, forma e objetos. Pode também, incentivá-la a realizar atividades que desenvolvam a criatividade e habilidades motoras, verificando suas preferências nas brincadeiras livres para aproveitá-las nas atividades dirigidas.

Tanto as interações do professor com as crianças, quanto às interações das crianças entre si estimulam processos de aprendizagem que fazem avançar o desenvolvimento. Em

uma situação, as explicações dadas pelo professor ou a narrativa de um caso por outra criança possibilitam a aprendizagem. Em outra ocasião, a escuta de uma história, o folheio de um livro, a participação em um faz de conta, a construção de um castelo com sucata, e outras atividades, são poderosos mediadores da conquista pela criança de novas formas de agir, pensar e sentir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, buscou-se refletir sobre a indisciplina na educação infantil, que tem ocupado um espaço cada vez maior no cotidiano de nossas escolas, onde precisa-se incentivar comportamentos de trocas, diálogos e de respeito, considerando as características do desenvolvimento infantil.

Podemos evitar o desencadeamento de situações de indisciplina, para isso precisamos gerir adequadamente a turma, levando em consideração que muitos vivem em contextos familiares desestruturados; é necessário incentivar as famílias a acompanhar a educação de seus filhos.

A intervenção psicopedagógica foi proposta como ação mediadora da indisciplina, cuja intervenção deve se dá a partir de uma abordagem dialógica entre Escola-Aluno-Família. Deve-se considerar os espaços de vivência do aluno: seu meio social, a escola com todas as suas limitações e recursos e o espaço interno no sujeito com todos seus anseios, traumas e especificidades. O aluno se constitui no espaço social, da família, dos coleguinhas, da rua, das diversões e da tecnologia, dos meios de comunicação e das vivências do seu dia a dia dentro e fora da escola.

Não é apenas o professor que deve estar interessado na boa disciplina, mas toda a escola e também a família, pois é na sala de aula que se ajuda a construir futuros cidadãos com personalidade, onde vão aprender a limitar seus comportamentos inadequados, necessitando assim, de correção desde a primeira infância.

A proposta de intervenção psicopedagógica consiste no entendimento, na construção e desconstrução dos significados da indisciplina escolar, na busca por suas causas e descobertas das conseqüências,mas, sobretudo na busca conjunta por soluções. O psicopedagogo mediará tarefas a partir de trabalhos com os grupos operativos, no caso, professor e família.

Compreende-se que existem inúmeros fatores que são possíveis causadores da indisciplina no cotidiano escolar, diante disto, cabe ao psicopedagogo distinguir qual fator

corresponde ao comportamento de tal aluno, para tomar iniciativas que amenizem essa situação. Para isto acontecer, é necessário que haja uma união entre escola e família, porque essa não é uma responsabilidade unicamente escolar.

A aproximação, o diálogo, a construção da identidade indivíduo-grupo, e a construção e desconstrução de conceitos, possibilita mudanças na forma como professores, alunos e pais percebem o espaço e papel da escola, de si mesmo e da indisciplina. A partir desse trabalho se busca minimizar os problemas da indisciplina escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. São Paulo: Papirus, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 2003.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral das Crianças**. São Paulo: Summus, 1994.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional**: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak: 2007.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

TIBA, Içami. **Disciplina, Limite na Medida Certa**. 38. ed. São Paulo: Gente, 1996.

_____. **Quem ama, educa!** : formando cidadãos éticos. 22. ed. São Paulo: Interage Editora, 2007.

MANUAL DO PROFESSOR. **Revista Profissão Meste**, nº 108, Setembro de 2008, pág. 38.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: LA TAILLE, Ives de. ET AL. **Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1997.

ORIENTAÇÕES Curriculares para a Educação Infantil. Secretaria de Educação do Estado do Ceará- Fortaleza: SEDUC, 2011.

VASCONCELOS, Fátima. **Brincadeiras de criança**: encantos e descobertas. Fortaleza: Seduc, 1999.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação na Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

_____. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1994.

_____. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.

